



**Viva o Parque
Mayer!**



Nesta edição:

O Caminhante	2
Pedro Machado Show €U	3
Recordações de Tea- tro	4
Tributo à fadista/ poetisa Deolinda Maria	5
Morreu a Actriz Cla- ra Rocha	7
Meditações	8
O Parque Mayer! O Parque das Ilusões...	10
Tributo a Márcia Condessa—a Fadista Fidalga	13
Aos amigos do Bole- tim.	15

Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume XVIII, Edição II

Julho de 2017

Poema para todas as ocasiões

Poema sobre a amizade, para não se perder a oportunidade de o oferecer a quem se gosta.

Amigo

Mal nos conhecemos
Inaugurámos a palavra “amigo”.

“Amigo” é um sorriso
De boca em boca,
Um olhar bem limpo,
Uma casa, mesmo modesta, que se oferece,
Um coração pronto a pulsar
Na nossa mão!

“Amigo” (recordam-se, vocês aí,
Escrupulosos detritos?)
“Amigo” é o contrário de inimigo!

“Amigo” é o erro corrigido,
Não o erro perseguido, explorado,
É a verdade partilhada, praticada.

“Amigo” é a solidão derrotada!

“Amigo” é uma grande tarefa,
Um trabalho sem fim,
Um espaço útil, um tempo fértil,
“Amigo” vai ser, é já uma grande festa!

Em O Reino da Dinamarca,
Alexandre O'Neill, Guimarães Editores, 1974

O Caminhante

À sombra do castanheiro
Dividimos meu irmão
Não migalhas de dinheiro
Mas as migalhas de pão

Os trapos com que te cobres
São teus mantos de nobreza
São a mortalha dos pobres
E dos ricos a grandeza

Aproveita o raio de sol
Que ao teu corpo tão cansado
Dão sentido do farol
Ao que caminha ao teu lado

...

Vamos dar as mãos amigo
E subir aquele monte
Eu quero dividir contigo
Aquele vasto horizonte

Vejo o rio que corre além
Descuidado para o mar
Não precisam que ninguém
O ensinasse a cantar

Canta comigo amigo
A canção da tua verdade
Não negues ao coração
A ilusão da realidade

...

Letra e Música de Nilza Moreno



Inacreditável!!!

Dulcinea Martinoska sempre vai dar mais um “nó” no seu rosário.

Uma fuga de informação no laboratório de análises, deu a saber que afinal há uma forte razão para se realizar o evento conjugal, porém, neste caso, o evento é duplo. A “Martinoska” já anteriormente esteve para dar “à luz”, mas aquando dos preparativos higiénicos, tropeçou na sanita e, assim, fez desaparecer, na voraz enxurrada autoclismável, todo o produto armazenado.

O consorte é o prof. vocal e instrumental/pianórico que já contratou um amolador especializado em afiar a “moca” aos desgraçados que já não vêm a “mulher do padeiro” à mais de muitos anos.

O luxuoso “guarda-roupa” é da responsabilidade da “metro-e-meio” de gente/mestra Isabel Magro e a “banda-sonora” é da autoria dos maestros Boni-and-Claide e Zé Manel do Pifaro. Um coro-misto formado pelas vozes dos excelentes cantores M^a Candalha, Dr. Vítor Lápis, Não-é-mia, Melxior-xia-xia, Cilandiza-del-Carmen, Kim-já-Kamora, Luija Afonsisina, Afonsino Henriqueto e um grupo de baile integrando famosos nomes, alguns vindos até do teatro Bolshoy, tais como; Teresita-da-Vila, , Antónius Gow, Xelinha do Soisa, ZéKar Halho, IsabelonaBalbi, Jai-me-jai-me e Dedé del Rio, digo, Ribeiro.

A direção e supervisão do Show é da Laurita Sobral para uma ideia do,

PM Show €U

Recordações de Teatro

Fiz várias tournées, pelo país, principalmente no Norte, fiz uma de três meses com o Alberto Ribeiro, a irmã Aurea Ribeiro, e o irmão Alcino Ribeiro e o Biliu.

Fiz outra também de três meses com a companhia espanhola Blas Wilson e Amparito Santilho, com um conjunto de bailarinos e bailarinas, e eu era atração portuguesa a cantar folclore.

Depois surgiu a companhia da Revista, com o empresário Avelino Carneiro, onde fui contratada apenas para fazer um número, ou seja um dueto que dava o título à revista: “Porto Benfica”, essa revista estava em cena no Teatro Valformoso no Porto, onde a primeira figura era a Olga França.

O meu número era só no segundo acto, eu estava na plateia assistir, quando o pano abre, a Olga cai em cena desmaiada, a casa estava lotada e o secretário da companhia, veio chamar-me e perguntou se eu era capaz de substituir a Olga, e lá fui para cima do palco e salvei a situação, e fui contratada até ao fim da revista no lugar da Olga. O empresário depois contratou-me para mais duas revistas, uma chamava-se “Roupa na Corda”, onde entrava a colega que está cá na Casa do Artista, que é a “Diana”. A outra revista chamava-se “Marcha da Alegria”, que esteve mais de um ano em cena, onde entrava a minha colega Maria Odete, hoje Maria Candal, e ainda Mirene Cardinali, Marlice, Cremilda Torres, Soares Correia, etc. etc.

Autora: Linita Marques

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

Tributo à fadista/poetisa Deolinda Maria

Deolinda Maria nasceu em Lisboa, lá para os lados do Lumiar. Filha de boas famílias, gente humilde mas de trabalho e de honra, em rapariga trabalhou como costureira e começou a cantar fado em Coletividades de bairro, no chamado amator e fado vadio. Mais tarde já no Bairro-Alto cantou muitos anos no Luso, na Travessa da Queimada, no Forcado na Rua da Rosa e no Painel, mais tarde ao lado de António Mourão cantou no Parque Eduardo VII, no Restaurante Típico “Botequim do Rey”. Viveu nas nossas antigas Áfricas, cantou na Alemanha e deixou alguns discos de fado. Era uma mulher bonita, cantava bem, muito brejeira, com graça, uma franca gargalhada e adorava contar anedotas.

Sofreu um grande desgosto na sua vida; perdeu um filho, o Ruizinho com quatro anos num grande incêndio que lhe destruiu toda a sua casa, ficou mal da cabeça chegando a estar internada no Júlio de Matos. Teve dois casamentos, do primeiro teve um filho, o Jorge e hoje uma neta que também canta fado no Faia, na Rua da Barroca ao Bairro Alto, onde canta a Anita Guerreiro e a Lenita Gentil. A neta da nossa Deolinda chama-se Mafalda Taborda. Do segundo casamento teve a filha Xana e duas netas, que eram a luz dos seus olhos: a Sara e a Inês. O filho é o grande guitarrista José Manuel Neto, que acompanha o Carlos do Carmo, Camané, Ana Moura e Marisa. A Deolinda tinha uma grande amiga no fado, a colega Fernanda Maria e o guitarra Lelo Nogueira, que na grave doença vinham cá visitá-la. Foi uma grande mãe, deixou uma casa a cada filho.

Gostava muito dela e dos filhos, fomos grandes amigos. Tive muita pena da sua partida para o além. Deixou alguns fados de sua autoria, o caso das “Sombras” e “Madame Comprimido”, que Madalena Iglésias gostou, levou para Barcelona, cantou e lá gravou e a grande Carmen Dolores achou graça à letra da Madame Comprimido e diz nos seus recitais de poesia. Para finalizar quero dizer que no Bairro Alto chegou a abrir a sua Casa de Fados, chamava-se “A Rata” cantava lá além dela a fadista Julieta Reis, que também fazia o comer. Ricos tempos! Éramos novos e tínhamos saúde. Adeus amiga Deolinda, até um dia.

Autor: Júlio Coutinho

“Amor e desejo são duas coisas distintas. Nem sempre o que se ama se deseja, nem tudo o que se deseja se ama.”

Miguel Cervantes

Olhando as estrelas do céu
Numa noite de luar
Pareceu-me ver numa delas
O brilho do teu olhar
Já partiste à tanto tempo
Quase de ti me esqueci
Mas senti nesse momento
Que estavas a olhar para mim
A ternura de um olhar
Já mais se pode esquecer
Podem os anos passar
Pode tudo acontecer
Lá nesse céu tão profundo
Onde brilha tanta luz
Vive-se longe do mundo
Mas bem perto de Jesus

Amorinda Matos

Branca de neve não teve tanta sorte assim

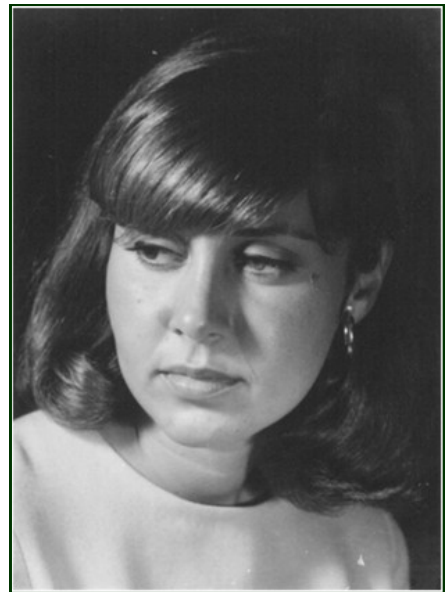


Morreu a Actriz Clara Rocha

Estava por motivos de saúde a viver pela segunda vez na Casa do Artista. Era viúva. A primeira vez que cá viveu estava no quarto 218, no 2º andar, onde esteve o actor Luís Zagalo, e onde hoje está a actriz Manuela Maria. E agora ocupava no terceira andar, o quarto 316. Entrou na telenovela “Palavras Cruzadas” fazia uma médica, que tinha um romance com o actor Jacinto Ramos, também ele a fazer o papel de médico, e entre várias coisas que fez entrou no Parque Mayer, no Variedades, na revista “Elas são o Espectáculo”, com Mariema, José Viana e Dora Leal. Foi nessa revista que a Dora e o Zé se casaram. Clara Rocha também fez cinema, era uma mulher bonita, alta e elegante.

Paz à sua alma Clara Rocha.

Autor: Júlio Coutinho



Fotografia da Coleção Pessoal da Actriz Clara Rocha

O nosso Residente Mário Ramos já está no Céu!



Fotografia da comemoração do aniversário do Sr. Mário Ramos

Por motivos graves da sua saúde estava internado em Santa Maria, onde faleceu. Deixa viúva a nossa colega Maria Candal, actriz de teatro e cançonetista, a quem todos desta Casa apresentamos sentidas condolências, assim como a sua filha Marina.

O funeral teve Missa de Corpo Presente, na Igreja da Luz, de onde saiu para ser cremado no Cemitério de Barcarena. Esteve presente além da família, amigos e colegas, a nossa Diretora-Geral, a actriz Manuela Maria. No velório contou com a presença do músico e Residente Pedro Machado, e ainda da Diretora Financeira e Assessora da Direção Dr.ª Conceição Carvalho e do nosso amigo e colaborador, Dr. Ricardo Madeira, que é o Animador Cultural da “Casa do Artista”.

Pela parte que me toca fica a saudade do companheiro de mesa, no refeitório à hora do pequeno-almoço.

Senhor Mário Ramos Descanse em Paz.

Autor: Júlio Coutinho

Meditações

Chegou por acaso às minhas mãos um pequeno livro com alguns pensamentos. Sempre gostei de ler pensamentos! Aprecio a sua leitura, analiso a sua filosofia e ironia e sempre a profundidade do texto.

Grandes vultos das letras deixaram, para além das suas obras literárias, alguns pensamentos para nos deliciarem com a sua experiência e ironia, acerca da vida que nos rodeia. E, quase sempre esses pensamentos assentam numa esquematização analítica dessa mesma vida. Assim, temos algumas “pérolas” verdadeiras neste “colar” de pensamentos que nos rodeia.

- Uma nação vive porque pensa...

(Eça de Queiroz);

- Se puderes olhar, se puderes ver, repara ...

(José Saramago);

- Só uma coisa torna o sonho impossível, o medo de fracassar ...

(Paulo Coelho);

- O tempo chega sempre, mas há casos que não chega a tempo...

(Camilo Castelo Branco);

- Fim – o que resta é sempre o princípio feliz de alguma coisa...

(Agustina Bessa-Luís);

- A vida é um beijo doce, numa boca amarga...

(Mia Couto);

- Ama-se quem se ama e não quem se quer amar...

(Florbela Espanca);

- Reconstruir é sempre inventar ...

(Eça de Queiroz);

- Como tudo é possível, ousemos fazer o impossível ...

(Agostinho Silva);



- A cultura é o que identifica um povo com a sua finalidade...

(Agustina Bessa-Luís);

E hoje ficamos por aqui. Pensem, meditem e cumpram por favor, a missão destes pensamentos.

Voltaremos noutra altura, com o mesmo tema e a mesma finalidade, chamar a atenção dum modo descontraído para a sua filosofia.

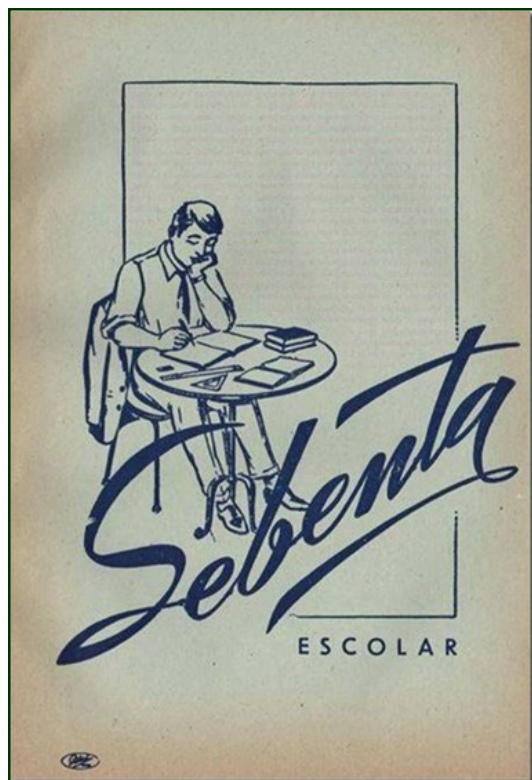
E, ainda a propósito de ironia, graça e subtileza chamamos também a vossa atenção para o zumbido da “mosca”... A “mosca” é um apontamento que surge nos noticiários da nossa estação oficial de televisão.

“A mosca” é um mimo de graça e fantasia.

Ingénua, saltitante, pestanuda e gentil “a mosca” surge com o seu zumbido irónico diário, para nos deliciar... Façam o favor de “apanhar a mosca”!...

Até breve amigos, bons zumbidos! ...

JF



Para recordar...
Ou saber como era
antigamente!

O Parque Mayer! O Parque das Ilusões...

Bem no Centro de Lisboa, quase a meio de uma das mais bonitas Avenidas (a Avenida da Liberdade) existe o Parque Mayer, considerado a “Broadway Portuguesa”!

Mas como é que tudo aconteceu?

O Espaço onde ainda hoje existe o velhinho e muito degradado Parque Mayer, foi no Séc. XVI poiso de muitos pássaros e muitas espécies de arvoredos. Já em 1639 naquele espaço existia um hospício a que frades dominicanos vindos da Irlanda dedicavam parte do seu tempo.

Em 1822 ali foi construído o Palácio de Valadares (que no Séc. XX foi a Embaixada de Espanha) onde vivia a Marquesa de Alorna que ali vivera a falecer em 1839.

Em 1900 aquele espaço era pertença de Adolfo Lima Mayer que ali mandou construir uma casa moderna sob o traço do arquiteto Nicolau Bigaglia ,edifício esse que ganhou um prémio Valmor.

Conta a História que pelo facto de ali ter morrido afogado num lago um filho de Lima Mayer, este pôs os terrenos à venda.

O espaço foi adquirido por uma Sociedade de dez elementos que se designou de Sociedade Avenida Parque e entre os sócios estava o consagrado empresário Luis Galhardo.

Desde Logo no Palacete instalaram o Club Mayer que funcionou entre 1918 e 1922, Club esse onde atuava a Orquestra de Francisco Remartinez (pai das cantoras Fernanda e Nini Remartinez que muitos anos depois formaram um duo e são consideradas a primeira Girls Band portuguesa).

Em 1922, Luis Galhardo e os seus sócios transformaram aquele espaço numa feira de 17 mil metros quadrados com carroceis, barraquinhas de tirinhos ,esplanadas, farturas etc.

Do Contrato de Exploração constava a construção de um Teatro definitivo e que ao mesmo fosse atribuído o nome de um artista popular.

O investimento inicial conseguido durante 2 anos, à custa da venda das farturas e de bebidas, chegou para construir um teatro de madeira ao qual foi atribuído o nome de Teatro Maria Vitória. Homenageando assim uma das mais populares actriz e fadistas, que foi morta muito jovem, quando ainda tinha muito para dar da sua carreira que ,no Séc. XX só Amália Rodrigues viria a cumprir até ao fim.

A 1 de Junho de 1922 era então oficialmente inaugurado o Teatro Maria Vitória com a Revista “Lua Nova”

Mas no Parque Mayer nasciam outros divertimentos. Por exemplo Pavilhão Português, um espaço ao ar livre que exibia cinema e espetáculos de variedades. Este espaço foi adquirido pelo então jovem empresário José Miguel, que anos mais tarde viria também ali a explorar um outro Teatro que falaremos mais adiante.



Em 1924, já Luis Galhardo tinha na gaveta o projeto para ali nascer um outro Teatro, o Teatro Variedades, que viria ser inaugurado em 8 de Julho de 1926 com a Revista “Pó de Arroz”

Em 1931 no espaço da Esplanada Egípcia nascia o 1º Teatro de cimento, um projeto do arquiteto Luis Cristino da Silva. Um edifício com néons luminosos, envidraçado, a que foi dado o nome de Cineteatro Capitólio. Desde a inauguração até 1960, esta sala apenas exibiu cinema. Só em 1960 e com a vinda a Lisboa da Companhia Brasileira Maria Della Costa, abriu então como Teatro. Das suas várias transformações o Capitólio teve nos anos 70 um terraço onde exibia cinema ao ar livre e mais tarde uma passadeira rolante (uma enorme novidade para a época) que atraiu muita gente aquele espaço.

O Capitólio, embora o mais moderno Teatro do Parque Mayer, não teve uma feliz carreira, sendo que esteve por largos períodos fechado. Em 1967 albergou a Companhia Amélia Rey Colaço/Robles Monteiro, após um incêndio que destruiu o Teatro Avenida onde a companhia já estava albergada vítima de um outro incêndio em 1964 no Teatro Nacional Dona Maria II.

Em 1956 o empresário José Miguel decidiu alargar o Pavilhão Português e acabar com o Café Alhandra dando lugar a um novo Teatro, o Teatro ABC que inaugurava com a Revista “Haja Saúde”

O Parque Mayer era ainda constituído por um Campo de Boxe onde, por entre outros, passou um dos Irmãos de Amália Rodrigues que era da Luta Livre, o Restaurante Júlio das Faruras, o Retiro da Amadora (Restaurante muitas vezes frequentado por Jorge Amado), o Mayer Bar, o Bebikas, a Gina, o Xico Carreira, a Ribeira Brava (ponto de encontro entre o público e os artistas) o Guarda-Roupa Paiva (onde se alugavam fatos para o teatro e para festas), o Restaurante a Manecas, o Restaurante Manel, uma Barbearia, o Tricas, o Bariedades (espaço de Café Concerto) um dos sindicatos dos Artistas (o Siarte) e um prédio de 1º andar onde viveu toda a vida o cenógrafo e figurinista Mário Alberto.

Dentro do espaço do Parque Mayer viveram também as proprietárias do Restaurante Amadora, a Gina (dona do Restaurante com o mesmo nome) que ainda hoje lá vive e outras pessoas.

Era assim o Parque Mayer nos seus tempos áureos que vão de 1922 aos finais dos anos 70.

Pelo Parque Mayer e pelos seus teatros passaram os mais consagrados nomes do teatro ligeiro e da comédia e muitas atrações internacionais que abrilhantavam os elencos das Revistas. Assim como vários actores brasileiros como Procópio Ferreira, Berta Loran, Eva Todor, Wilma Palmer, Ary Fontoura, Mara Abrantes, Spína, Eloina, Bibi Ferreira, Paulo Autran, Lady Francisco, Salomé Parísio entre tantos outros.

Grandes autores e compositores naquele espaço criaram grandes sucessos. Era um luxo trabalhar e pertencer à “Família” Parque Mayer.



Foi também no Parque que nasceram grandes vedetas do Teatro de Revista em Portugal, como Ivone Silva e Florbela Queiroz. Foi do Parque Mayer que partiu para o Brasil a consagrada Salúquia Rentini. Por aqueles quatro palcos passaram nomes como António Silva, Vasco Santana, Beatriz Costa, Amália Rodrigues, Hermínia Silva, Eugénio Salvador, Carlos Coelho e tantos outros que nos deram noites de grande alegria.

Com a Revolução de 1974 (25 de Abril) o Parque Mayer começou a decair, o desaparecimento da Censura levou a que os textos do Teatro de Revista se tornassem banais.

O Teatro Capitólio passou a exhibir filmes pornográficos até ao início dos anos 90. Só voltou a ser Teatro para albergar a companhia do Teatro ABC que nessa altura sofreu um incêndio, fechando ao público meses depois. Foi recuperado e abriu as suas portas no final de 2016, sendo que é atualmente um Teatro, que pertence à Câmara Municipal de Lisboa.

O Teatro Variedades encontra-se atualmente em ruínas, encerrou as suas portas em 1994 com a comédia “Ao que nós Chegámos” aguardando a recuperação para breve.

O Teatro ABC foi recentemente demolido dando lugar ao alongamento do parque de estacionamento, sendo que tinha encerrado em 1998 com a Revista “Preço Único”

Apesar de muito degradado, está ainda no ativo o Teatro Maria Vitória.

Dos finais dos anos 70 até à presente data foram encerrando os vários restaurantes e esplanadas. Devido à degradação dos edifícios estes foram todos demolidos.

A empresa Avenida Parque que se manteve até aos anos 90 vendeu depois os terrenos a uma identidade privada que queria transformar todo aquele espaço em grandes edifícios comerciais e em parques de estacionamento. Considerado um espaço de enorme valor cultural, foi depois adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa que têm estado muito lentamente a recuperá-lo. Sendo que do novo projeto só irão fazer parte dois Teatros: o Capitólio que já se encontra recuperado e já foi aberto ao público e o Teatro Variedades que espera a todo o momento a sua recuperação.

Resta ainda lembrar que aquelas quatro salas emblemáticas sofreram incêndios e inundações.

Em 1965 um violento incêndio destruiu parte do Teatro Variedades. Em 1986, o Teatro Maria Vitória sofreu um incêndio que ficou praticamente destruído. No início dos anos 90 também o Teatro ABC foi devorado pelas chamas. O Teatro Capitólio nos anos 60 teve uma enorme inundação.

O Parque Mayer de outrora desapareceu, dando lugar a um espaço degradado e triste estando a ser recuperado para dar lugar a um novo Parque, trazendo aquele espaço uma lufada de ar fresco.

E recordar-me, que foi ali que me apaixonei pelo teatro e que ainda tive a felicidade de ver o meu nome brilhar nos cartazes da entrada daquele emblemático espaço ... o Parque Mayer, o Parque das Ilusões.

Miguel Villa

Tributo a Márcia Condessa – a Fadista Fidalga

O Fado tem a Hermínia que é Princesa e a Amália fecha as pestanas quando canta e tem a D. Márcia que é Condessa além da D. Ercília aquela Santa.

Maria da Conceição era assim o seu verdadeiro nome, nasceu no Minho em Monção oriunda de uma humilde família de agricultores veio ainda muito novinha trabalhar para uns familiares que tinham uma pensão em Lisboa, na esquina da Praça da Alegria com a rua, com o mesmo nome, por ironia do destino em frente da casa de fados que mais tarde seria sua, na altura era o Solar da Alegria, onde fez a sua estreia a grande Amália Rebordão, a rapariga de Alcântara, foram seus padrinhos Berta Cardoso e Felipe Pinto. A Márcia foi trabalhar para essa casa de fados para ajudante de cozinha e ali começou a cantar. Casou com um jornalista e mais tarde ficou viúva. Fez revista, como atração nacional, foi com a companhia ao Brasil e gravou um disco. O copo de água do casamento de Celeste Rodrigues e do actor Varela Silva, assim como o batizado das filhas do casal Maria Rita e Maria José foram no restaurante da Tia Márcia. Foi uma grande amiga dos sobrinhos a D. Graça e o Sr. Evaristo, a quem ela lhes delegou um dos maiores e melhores restaurantes de Lisboa, ali perto da Avenida da Liberdade, “O Solar dos Presuntos”, frequentado pelos melhores artistas portugueses e estrangeiros. Márcia Condessa até ao fim da sua vida viveu aqui na Casa do Artista. Foi para Monção descansar para sempre. D. Márcia era uma ótima cozinheira, fui lá cear muita vez o cabrito de Monção no forno, com o Zé de Castro, que lhe chamava Tia Márcia. Eu estava com ele no Trindade nessa altura. Foi em 1971, eu tinha 27 anos. A D. Márcia era fadista e minhota e como era muito branca, olho azul e loura parecia uma inglesa. Quando já estávamos aqui, ela ia ao seu cabeleireiro na Rua do Telhal e depois almoçava no Solar dos Presuntos, no Largo da Anunciada e trazia-me um grande e grosso bife em sangue no pão, que bom! Que bife, que pão, que saudades.

Autor: Júlio Coutinho

Aos amigos do Boletim

Tive o cuidado de pedir à Manuela Maria autorização para vos apresentar duas cartas com muito espírito, escritas pelo nosso querido Armando Cortez, artistas com grande talento, que tive ocasião de conhecer à bastantes anos, tendo seguido com muito interesse a luta que teve com os outros colegas, quando o projeto da Casa do Artista foi aprovado.

A Casa está feita graças ao casal Cortez e seus amigos e nós agora temos a nossa última Casa, onde nada nos falta.

Assisti à inauguração com o antigo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio. Desta forma aqui ficam nas duas próximas edições do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, as respetivas cartas.

Autora: Nini Remartinez

Carta de Armando Cortez à Sapataria Lord – 1970

Excelentíssimo Senhor Augusto Amorim
Digníssimo Administrador da Sapataria Lord

Armando Cortez, actor e cliente da sapataria Lord, de 42 anos de idade e 39/40 de pé, vem junto de Vossa Excelência expor a seguinte e dolorosa situação:

Há uns meses, adquiri na conceituada sapataria Lord uns sapatos pretos a que vossa excelência mandou fazer o preço especial de Esc. 300\$00.

Caro Vossa Excelência se não lembre do modelo, pode recordá-lo facilmente: são sapatos rigorosamente iguais aos expostos na montra da sapataria Galã, em saldo, ao preço de Esc. 195 \$00.

A diferença de 105\$00 despendi-a eu com gosto e sincera alegria, pois que essa verba ia em direto benefício de Vossa Excelência, pessoa que muito estimo e a quem devo inúmeras atenções.

Não é isso que está em causa.

O que está em causa, e até hoje não teve solução satisfatória, é o que passo a expor:

Esses sapatos foram comprados para serem utilizados em cena, na peça “A Pobre Milionária” estreada há meses no Teatro Monumental.

Logo no início da sua utilização, os referidos sapatos, ou melhor, o esquerdo, passou a romper-me regularmente a meia do mesmo pé, tendo feito esse louvável trabalho em 6 pares de peúgas de seda, de cerca de Esc. 50\$00 cada par.

Já me importavam, portanto, os sapatos em cerca de Esc. 600\$00, quando me resolvi apresentar na “Lord” a minha reclamação.



Fui pronta e gentilmente atendido, como sempre na casa, e foi-me comunicado que o caso teria remédios, que seriam os sapatos desmanchados – forrados de novo, pois era o forro precocemente roto que provocava os buracos nas peúgas.

Disseram-me ainda, com ar estendido, que além de os forrar de novo, iam aumentá-los um pouco, “para o dedo não tocar”, e a coisa assim ficaria sanada.

Eu ia ver. E vi, vi de facto os sapatos voltarem como novos e uma fatura de Esc. 140\$00 para pagar pelo arranjo.

Paguei e ficaram-me assim os sapatos aumentados no preço e no tamanho.

E, em vez de andar calçado com sapatos da minha medida (39/40), passei a ostentar praticamente um submarino em cada pé, tropeçando constantemente, pois que, pelo preço, os referidos submarinos não podiam vir equipados com periscópio, o que entendi perfeitamente.

Acrescia, porém, o facto desagradável de eu ter deixado de poder arrumar os meus submarinos burguesmente debaixo da cama, mas ser obrigado a recolhê-los regularmente na Base do Alfaiate, o que me ficava um pouco fora de mão por via terrestre e um pouco fora de pé por via marítima.

Por essa altura, já eu tinha investido nos sapatos-submarinos cerca de Esc. 740\$00 (300\$00 do preço comercial; 140\$00 na sua transformação em submarinos e 300\$00 de peúgas inutilizadas).

Nunca eu lamentaria esta diferença de preço entre estes sapatos e os de 195\$00 de modelo igual, expostos na sapataria Galã, cujo dono nem conheço e de cujo irmão nunca fui sequer conhecido, quanto mais amigo.

Nunca eu lamentaria pois esta ligeira diferença de Esc. 545\$00, se os sapatos-submarinos não continuassem inexoravelmente, regularmente, ferozmente a fazer-me buracos noutros tantos pares de peúgas.

Decidi-me então a voltar à “Lord” e fazer a entrega solene dos sapatos-submarinos a um empregado de Vossa Excelência que me disse não poder resolver nada porque o Sr. Nunes estava de férias...

Daqui inferi que quando o Senhor Nunes está de férias, têm os clientes da “Lord” que andar descalços, contrariando assim uma ponderada postura municipal e arriscando-se à respetiva sanção policial.

Esta situação arrasta-se há já bastantes semanas com todos os perigos inerentes. É a solução deste intrincado problema de pés que o significado pede licença de colocar nas mãos de Vossa Excelência.

Permitindo-me sugerir a Vossa Excelência me forneça outra par, ou outro Nunes.

Cumprimentos pessoais do

Armando Cortez

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, no dia 3 de Agosto 2017 (quinta-feira), às 15 horas;
- Contos para ouvir e sonhar por mais, com a presença do Animador Sociocultural, Actor e Contador de Histórias Bruno Batista, no dia 4 de Agosto 2017 (sexta-feira), às 15 horas;
- Recital de Poesia, com a presença do crítico de teatro Tito Lívio, acompanhado pelo guitarrista Walter Lopes, no dia 8 de Agosto 2017 (terça-feira), às 15 horas;
- Realização do Rastreio de Saúde, com a Enfermeira e a Auxiliar de Enfermagem, no dia 10 de Agosto 2017 (quinta-feira), a partir das 10 horas, na Enfermaria;
- Visualização do documentário “Os Grandes Portugueses”, de Hélder Macedo. Uma produção RTP, no dia 10 de Agosto 2017 (quinta-feira), às 15 horas;
- Melodias de Sempre, com José Manuel Morais, no dia 11 de Agosto 2017 (sexta-feira), às 15 horas.